

## **Proposta de Criação da Revista *Diário de Classe***

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ

Coordenação de Sociologia - Campus Maracanã

Departamento de Ensino Médio e Técnico - DEMET

O CEFET-RJ conta com uma importante produção acadêmica por parte dos estudantes dos cursos de ensino médio integrado. Tal produção é fruto de seus trabalhos de conclusão de curso, relatórios de pesquisa e extensão, participação em concursos e competições em áreas diversas do conhecimento. Dito isto, este projeto de extensão foi cadastrado em 2018, coordenado por mim e pela Prof.<sup>a</sup> Valena Ribeiro Ramos com o objetivo de criação de uma revista acadêmica virtual ampliando assim o alcance da produção científica do CEFET-RJ. Desde então nos dedicamos a consolidar a concepção da publicação, definindo seus objetivos junto à equipe de alunos bolsistas e voluntários, participando de encontros e feiras de divulgação científica que se tornaram momentos importantes de amadurecimento dos nossos objetivos. A respeito da concepção da revista, cabe aqui expor que nossos princípios se orientam pelo reconhecimento de que o envolvimento dos estudantes ao longo de todo processo de construção do conhecimento deve ser estimulado e valorizado como pilar de uma educação inovadora, criativa e democrática. Para tal, julgamos ser relevante a existência de um periódico que traduza essa valorização.

Ressalta-se o fato que, considerando a ampla rede de educação tecnológica, temos pouca visibilidade da produção dos estudantes por meio de periódicos virtuais. Parte considerável do que encontramos em termos de divulgação científica concentra-se na produção advinda das graduações e pós-graduações, das publicações em anais de congressos, seminários, feiras e afins. Porém, pouco destaque é dado à singularidade do trabalho desenvolvido ao longo de todo o ensino médio.

Hoje contamos na instituição com uma série de publicações de graduação e pós-graduação, mas temos uma lacuna em relação ao trabalho desenvolvido pelos estudantes do ensino médio em todas as modalidades. Ao mesmo tempo, também encontramos uma demanda para que exista mais estímulo de produção e circulação dessa produção. Atualmente, enfrentamos muitos desafios em relação à adequação dos percursos formativos das novas gerações às transformações pelas quais passou a sociedade. Tais mudanças exigem que as instituições desenvolvam caminhos com maior engajamento e autonomia por parte dos estudantes. A todo momento lidamos com as exigências de incorporação de novas tecnologias e toda sua potencialidade. Contudo, acreditamos que a adoção de um novo paradigma tecnológico deve estar atrelada à identificação e superação de problemas estruturais em nosso sistema de ensino.

Nesses termos, pontuaremos abaixo os aspectos que estruturam esta iniciativa:

## **1. Objetivos**

- 1.1. Estimular a produção acadêmica e científica no ensino médio com ampla divulgação de seus resultados alcançando a função social da própria instituição a partir dos princípios que orientam a extensão.
- 1.2. Valorizar a extensão na Educação básica.
- 1.3. Fomentar a formação de um contexto de publicações deste segmento. Atualmente, são raras as iniciativas no campo editorial que destacam as potencialidades e produções da educação básica.
- 1.4. Considerando a desejada incidência na formação dos estudantes, estimulando a responsabilidade e engajamento com o saber acadêmico e científico, uma publicação desta natureza possibilita ainda a problematização em torno da utilização dos meios digitais. Temos uma geração com amplo acesso a informação, mas que possui uma dificuldade significativa de ir além do uso de redes sociais. Ademais, ao estabelecermos a vinculação entre produção de conhecimento e divulgação, temos a oportunidade de também desenvolver um aspecto crucial para a formação deste segmento no que se refere à relação entre ética e ciência. Exemplo: o estudante não lerá no Diário de Classe um texto de um acadêmico, distante de sua realidade imediata. Ele encontrará um texto de outro estudante que precisou pensar em como melhor comunicar um resultado de pesquisa, lidar com metodologias e ética acadêmica.
- 1.5. Contribuir para a formação acadêmica e profissional estimulando e valorizando a participação em publicações que irão formar uma base consistente para sua trajetória profissional.
- 1.6. A revista terá como escopo publicações da área de Humanidades, especialmente Sociologia e Filosofia. Considerando a obrigatoriedade recente destas disciplinas no currículo do ensino médio em comparação com as demais, a revista pretende contribuir para o fortalecimento destas áreas. Contudo, prezaremos pela interdisciplinaridade indicando a ênfase da orientação da revista que tem como grande área as Ciências Humanas.
- 1.7. Uma troca e diálogos efetivos entre realidades e contextos sociais diversos na medida em que os estudantes poderão comunicar experiências para outros estudantes de outras redes, estados, etc.

1.8. No contexto da multicampia, esta iniciativa irá contribuir conectando realidades entre os campi do CEFET-RJ.

1.9. As publicações, além de divulgação científica, poderão ser utilizadas como material didático em sala de aula pelos professores de todas as redes, estimulando o corpo discente à produção científica a partir do reconhecimento e valorização da mesma.

## **2. Estrutura**

2.1. A revista atenderá a diversidade da produção acadêmica e científica do ensino médio. Porém, se manterá dentro das normas convencionais das revistas científicas de acordo com a ABNT.

Em sua estrutura contaremos com:

- Artigos (fruto de projetos de pesquisa, extensão ou trabalho orientado por docente)
- Relatos de experiência que contemplem a concepção da revista
- Expressões artísticas (Contos, poemas e crônicas)
- Resenhas
- Entrevista

2.2. Como se trata de uma publicação voltada para o ensino médio, sua periodicidade será anual com possibilidades de dossiês temáticos.

2.3. Dado a singularidade da produção neste segmento, a revista manterá um canal aberto ao longo do ano para submissão de conteúdo com recebimento em fluxo contínuo.

2.4. Apesar da iniciativa partir de uma instituição de ensino técnico, a revista está aberta à publicação da produção de estudantes das redes estaduais, privada e federal.

2.5. A avaliação das publicações seguirá as normas convencionais, considerando o anonimato do autor. Os critérios de avaliação serão estabelecidos levando em consideração a pertinência do tema para a educação básica, a relevância para a área escolhida pelo autor, a originalidade da abordagem, a construção textual, a adequação às normas estabelecidas e divulgadas previamente.

2.6. O conselho editorial é formado por docentes colaboradores e entusiastas do projeto, comprometidos em impulsionar a iniciativa em suas respectivas instituições, reconhecendo a necessidade do seu envolvimento no processo

pedagógico em que a revista se insere. O conselho editorial conta com professores da rede federal e estadual do Rio de Janeiro e está ao final desta apresentação na seção “Anexo 1”.

2.7. O nome da revista foi escolhido pelos estudantes que participam do projeto.

2.8. A revista possui logotipo elaborada por uma estudante, já submetida e aprovada pela ASCOM.

2.9. Já contamos com material para o lançamento do primeiro número. O material consiste em 5 artigos, poemas, entrevista, conto. Ao final desta apresentação na seção “Anexo 2” estão alguns exemplos do material. Dada a necessidade de compor um primeiro número para obtenção do ISSN, este seria formado pela produção dos estudantes do CEFET-RJ recebida neste último ano. Contudo, após esta primeira publicação, os próximos números contemplarão as demais redes de ensino.

### **3. Formato de publicação**

3.1. Consideramos que a revista poderá ser publicada em dois formatos, ambos abrigados no domínio do CEFET\_RJ:

- Seguindo o modelo da Tecnologia & Cultura, com um arquivo em PDF com a revista na íntegra para download.

ou

- Na plataforma Open Journal Systems

### **4. Registro da publicação**

4.1. A revista prevê alcançar o ISSN ao fim do trâmite interno para sua publicação.

## ANEXO 1

### Corpo Editorial de Avaliadores

Julia Polessa (UFRJ)

<http://lattes.cnpq.br/5950528364188505>

Anita Handfas (Sociologia – UFRJ)

<http://lattes.cnpq.br/1644126559632273>

Beatriz Arosa (Sociologia – CP2)

<http://lattes.cnpq.br/6562212498364848>

Camille Ribeiro (Sociologia – SEEDUC-RJ)

<http://lattes.cnpq.br/0304257787590016>

Jorge Quintas (Filosofia – SEEDUC-RJ)

<http://lattes.cnpq.br/1868346329899905>

Gláucia Amaral (Sociologia – IFRJ)

<http://lattes.cnpq.br/8933231376222412>

Marília Márcia (Sociologia-CP2)

<http://lattes.cnpq.br/4143989105866693>

Fátima Ivone Oliveira (Sociologia – CP2)

<http://lattes.cnpq.br/4388318456873721>

Selmo Nascimento (Sociologia - CP2)

<http://lattes.cnpq.br/3429071991609949>

Tatiana Bukowitz (Sociologia (CP2)

<http://lattes.cnpq.br/9211733716023311>

Marcelo Coutinho (Joaquim Venâncio – Fio Cruz)

<http://lattes.cnpq.br/2162380486815729>

Márcia Menezes (Sociologia – CEFET

Maria da Graça)

CV: <http://lattes.cnpq.br/7337546440233955>

Marisa Brandão (Sociologia – CEFET/ Maracanã)

<http://lattes.cnpq.br/0693277299538352>

Marcela Serrano (Sociologia - CEFET/ Maracanã )  
<http://lattes.cnpq.br/3959874437187003>

Miguel Feres (Geografia – CEFET/ Maracanã )  
<http://lattes.cnpq.br/2788580748201402>

Rômulo Castro (Sociologia - CEFET/ Maracanã)  
<http://lattes.cnpq.br/3921483611577805>

Keila Lúcio (Sociologia - CEFET/ Maracanã )  
<http://lattes.cnpq.br/6273315043451297>

Tarcila Formiga (Sociologia - CEFET/  
Maracanã)  
<http://lattes.cnpq.br/7245157304942533>

## ANEXO 2

### EXEMPLAR DE ARTIGO

#### CONTRIBUIÇÃO DA OBRA *JUBIABÁ* PARA A IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA: MANIFESTAÇÕES POPULARES DO MORRO DO CAPA NEGRO E A NEGAÇÃO DA CULTURA NEGRA

Marianna Ferreira Rodrigues

### RESUMO

O presente artigo visa analisar na obra realista *Jubiabá*, de Jorge Amado, traços essenciais para construção da identidade nacional pós-abolição, enfatizando manifestações populares do povo negro, mais especificamente no Morro do Capa Negro, cenário inicial do livro. Aborda, também, a negação da cultura negra como parte da identidade brasileira e o apelo à importação de costumes. Para isso, serão apresentados exemplos práticos da obra literária e a correlação destas situações ao contexto histórico para que seja enxergado o contraste entre o que a elite da época quer que seja a identidade nacional e a cultura que está sendo cultivada no alto dos morros da Bahia no século XX.

**Palavras-chave:** *Jubiabá*; Jorge Amado; Representação do Negro; Morro do Capa Negro; Tensões Interculturais

### Introdução

O estudo da literatura é de extrema importância como ferramenta para a percepção da realidade de um povo em determinado contexto temporal. Neste artigo, a base literária para o estudo da identidade nacional é um romance realista de Jorge Amado, que trata repertórios culturais recorrentes na cidade de Salvador. Considerando a cultura um objeto de estudo dinâmico, justamente por seguir tendências de uma certa nação, pode-se enxergá-la viva e presente em manifestações populares. A obra *Jubiabá* retrata este repertório de perto, com o cotidiano de pessoas de classes populares, especialmente de Antônio Balduino, personagem principal. O cenário pós-abolição não propicia, e nem pretende, visibilidade às crenças e valores presentes na cultura negra, por isso sua

segregação da totalidade cultural do Brasil. Durante o discurso literário é possível encontrar traços significantes do contraste entre a cultura cultivada no morro e na cidade.

## **1. AS MANIFESTAÇÕES DO MORRO DO CAPA NEGRO E A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO PÓS ABOLIÇÃO**

Entre a realidade concreta do cotidiano e a criada pelo ficcionista existem relações variáveis: existem textos que procuram representar a realidade concreta; são estes os textos realistas, como no caso da obra amadiana. O período pós-abolição na Bahia, assim como em todo Brasil, não propiciou nenhum tipo de inclusão social e integração da população negra na sociedade e muito menos no sistema educacional formal. Inexistiu após a escravidão políticas de massa voltadas patentemente para garantir aos ex-escravos o acesso à escola, logo o acesso ao trabalho formal. A representação do negro, no livro, situa-se nesse contexto: o escasso mercado de trabalho para a esta população. Há a ideia de que os negros no Brasil, passam por um processo de “inclusão excludente”. Pois a partir do momento em que são trazidos para o Brasil sua socialização e educação se dão no território do colonizador, mas como desigual, como subordinado (MENEZES, 2007).

A “função” negro, no início do século XX, se restringia, na fazenda ou na cidade, ao aprendizado e execução do trabalho. Não era proibido formalmente o acesso de negros livres à escola, mas também não existia um direito à educação como para o conjunto da população. Aos libertos ou livres descendentes de escravos que tivessem como prover sua subsistência, era possível a matrícula na escola pública, entretanto não era uma garantia. Junto a isso, tem início um período de alastramento da pobreza, diminuindo a qualidade de vida das classes populares em geral, mas de forma mais direta dos ex-escravos. Neste momento de reorganização total da vida dos negros a principal luta era pela sobrevivência, não só cultural como também física.

No livro de Jorge Amado, as aulas formais eram substituídas por um outro tipo de aprendizado: os contos e histórias de Zé Camarão, que teve sua imagem pela cidade estruturada como o “malandro desordeiro que vivia sem trabalhar”. Contava histórias, tocava violão e ensinava capoeira aos meninos do morro. No trecho a seguir podemos notar o escasso acesso à educação formal e os aprendizados de Antônio Balduino no morro: “Antônio Balduino ouvia e aprendia. Aquela era a sua aula proveitosa. Única escola que ele e as outras crianças do morro possuíam. Assim se educavam e escolhiam



carreira (...). E carreiras que não exigiam muita lição: malandragem, desordeiro, ladrão. Havia também outra carreira: a escravidão das fábricas, do campo, dos ofícios proletários” (AMADO, 1966, p.23).

Pode-se observar no texto como o trabalho em fábricas, no campo e ofícios era visto como uma extensão da escravidão. Nessa época, o movimento dos trabalhadores, como conjunto, era fraco e tinha poucas conquistas em decorrência da insignificância numérica da mão-de-obra fabril. Sabia-se da rigidez e do tratamento humilhante a que submetiam os empregados. Por isso a luta passa a ir além da sobrevivência, mas também pela liberdade.

— Quando você crescer o que é que vai ser? Ele respondeu prontamente:  
— Jagunço...

Não sabia de carreira mais bela e mais nobre, carreira que requeresse mais virtudes, saber atirar e ter coragem.

— Você precisa é de ir para a escola — diziam.

Ele perguntava a si mesmo para quê. Nunca ouvira dizer que jagunço soubesse ler. Sabiam ler os doutores e os doutores eram uns sujeitos moles. (JORGE AMADO, 1966, Jubiabá p.214)

É importante notar que a representação de Baldo como negro não muda tanto quando vai morar com o conselheiro Pereira após a morte da Tia Luísa. Ele foi levado por Augusta das Rendas, também moradora do Capa Negro. Amélia, que trabalhava na casa do comendador, tinha acessos de ciúmes e raiva quando via o menino sendo minimamente bem tratado, não entendia por que tratavam-no bem e o colocaram para estudar numa escola pública. Entretanto, logo foi expulso como “incorrigível” e Amélia alegou que “Negro é uma raça que só serve para escravo. Negro não nasceu para saber” (JORGE AMADO, 1966, Jubiabá p.43). Logo após o acusou de fazer “molecagem” e espiar Lindinalva, filha do conselheiro, no banho. Ela repetia sempre que “Negro é raça ruim. Negro não é gente...” para acusar o menino.

Na fala de Amélia, a cozinheira, temos um discurso repleto de estereótipos acerca da negritude. A partir de um ponto de vista generalizante, ao descaracterizar sequer uma atribuição positiva do negro. Mesmo a atitude paternalista do comendador não está isenta de heranças culturais da sociedade escravocrata, na qual o negro era sinônimo de mão-

de-obra. (SILVA, 2011). O termo negro em si é carregado de conceitos e lembranças na construção da identidade de alguém. Assim como quando foi morar na rua e aprendeu o mais orgânico da liberdade e solidariedade, tendo assim uma de suas primeiras influências socialistas.

Primeiro estiveram na delegacia, onde não lhes disseram nada. Depois foram levados para um corredor soturno. Penetrava um raio de sol por uma fresta. Eles ouviram a voz dos presos que cantavam. Vieram soldados e traziam chibatas de borracha. E eles foram espancados sem saber por quê, pois nada lhes disseram. Ganharam assim a sua primeira tatuagem. (AMADO, 1966, p.64)

Na citação anterior, podemos traçar inclusive um paralelo com a atualidade. Os resquícios do passado escravocrata se traduzem em preconceito, que faz negros e pobres apanharem e serem condenados injustamente apenas pelo fato de serem negros e pobres. O espaço da cadeia, na trama, é minimamente descrito, talvez até como forma de descrever a escuridão dos oito dias em que os moleques da rua passaram encarcerados. Quando volta ao Morro do Capa Negro, aprimora-se na capoeira e no violão, tornando-se a própria descrição dos homens do morro em que morava quando era criança.

Dentro das manifestações culturais no Morro do Capa Negro, encontra-se a religião, especificamente o candomblé, que na obra é apresentado com enfoque no personagem Jubiabá, pai-de-santo que dá título ao livro, e que ao longo da história será uma das referências morais de Antônio Balduino. A religiosidade é primordial na construção da identidade do protagonista. Jorge Amado apresenta uma literatura revolucionária, que dá voz a cultura negra, sua estética ganha o contorno de apresentar o povo, as minorias, o negro como personagens de resistência através de sua cultura, religião, manifestações, suas próprias vidas de luta, resistência e vitórias. (ROSSI, 2004).

Jubiabá em todos os seus aspectos: o mágico, curandeiro e rezador que repele espíritos malignos e alivia as mais diversas dores da gente do bairro, inspirando medo e respeito às crianças uma vez que estas têm dúvidas sobre sua natureza boa ou má (...) Mas Jubiabá é também o contador de histórias, o velho patriarca, o sábio e protetor dos moradores que todos os adultos respeitam e escutam, apreciando seus conselhos e conceitos. Ele é o ancião cuja

idade ninguém conhece, que sempre esteve ali e se lembra do passado distante da escravidão. Ele é centenário desde que Balduíno é criança e quando este se torna adulto o preto-velho continua desempenhando seu eterno papel de sábio, mago e conselheiro da comunidade negra, (...) por fim, é aquele que consola e protege Balduíno ao longo de sua infância de órfão, desde que sua tia, Luísa, louca, acabou o abandonando. (DARVET, 2014, p. 175)

A estética de Jorge Amado é realista quando se trata de religião. Não ocorrem distorções para tratar o candomblé de forma pejorativa, e nem a fantasia e mistifica demais. O escritor retrata e descreve a vivência do que é o candomblé. “Jorge Amado descreve em pormenores vibrantes cenas de rituais de candomblé, inclusive com trechos de cantos em iorubá, uma das línguas africanas usadas nos ritos” (PRANDI, 2009). No capítulo denominado “Macumba” (p. 74 a 83), o autor descreve o culto e a participação de diferentes pessoas incluindo diferentes classes sociais. O sincretismo fazia parte da festa como forma de defesa contra a opressão sofrida pela polícia e manter seu culto vivo. Esta era uma estratégia contra a perseguição sofrida por africanos e afrodescendentes para conseguirem manter seus cultos e ritos intactos, uma tática vinda desde o período colonial. A perseguição policial é descrita claramente no trecho a seguir:

Isso de levar brancos, e principalmente desconhecidos para as macumbas, não dava certo. Podia ser um polícia que ia só pra prender todo mundo. Uma vez tinham metido Jubiabá na chave, o pai-de-santo passara a noite lá e tinham levado Exu. Foi preciso que Zé Camarão, que era finório como ele só, fosse buscar o Orixá lá na sala do delegado, nas barbas do soldado. (AMADO, 1966, p. 102)

Uma outra questão que levava importância eram os feitiços em si: a ideia de quem faz más ações têm de pagar por elas. O pai-de-santo atua como um agente mediador entre o mundano e o divino e como solucionador de problemas terrenos, até mesmo de saúde, como o problema de cabeça de Dona Luísa, que era citado no início do livro. A questão do feitiço serve para aproximar os objetivos do idealizador deste, tendo como pressuposto inferir sobre a mente, a alma e o físico da outra pessoa. A seguir, poder-se-á analisar a

tensão entre a religiosidade negra e a religiosidade branca, tendo como objeto de estudo de um choque cultural, englobando as tensões tanto sociais quanto religiosas.

## 2. CHOQUE CULTURAL: O MORRO E A CIDADE

Inicialmente, é necessário enxergarmos a ambiguidade cultural presente na Bahia retratada no livro. Talvez, essa ambiguidade possa ser entendida como o reflexo da ambiguidade da visão de mundo do autor: a religiosidade do negro e o materialismo do branco. Essas categorias podem parecer demasiadamente esquemáticas e dicotômicas, mas estamos seguindo as associações feitas ao longo de todo o romance, inclusive o vocabulário empregado pelo próprio autor através de seus personagens. (DARVET 2014). A interculturalidade étnico-religiosa no Brasil, e especialmente na cidade de Salvador gera tensões entre as elites brancas e pessoas de pele negra. Estas aumentam no período em que, após a abolição os negros exercem sua liberdade de forma cada vez mais evidente. Uma liberdade que se expressa especialmente pela festa (através da música e da dança) e os cultos, ainda sujeitos a regras e punições pelas autoridades locais, mas também pela opinião pública.

A disparidade social entre o morro e a cidade é um fator que se coloca ao lado da questão racial, principalmente quando Antônio Balduino vai para a casa do comendador. O espanto do menino ao enxergar uma casa grande, com quartos e cômodos bem separados é visível durante a narrativa, justamente por ter sido algo nunca visto antes por Baldo. A oposição morro/cidade e o fascínio do menino sobre a cidade não estão desprovidos de valor simbólico: o alto e o baixo e de um jogo de imagens entre exclusão e inclusão, que é reiterado durante a história. O choque cultural entre espaços distintos traz uma nova concepção de vida para Balduino, o morro com suas casas pequenas representa um espaço de pobreza, entretanto de liberdade. Enquanto na casa do comendador ele conhece a rivalidade da vida burguesa, regida pela opressão e um conjunto de regras sociais que cerceiam seu comportamento.

A atitude de adoção do comendador, apesar de ser considerada uma gentileza aos olhos da comunidade, não está livre das marcas culturais da sociedade escravocrata, onde

o negro é sinônimo de força de trabalho. Podemos inferir a culpa que é posta em Baldo pelo assédio da menina Lindinalva, filha do comendador, e foge. Durante o momento que mora na rua há outro choque. O texto traz à tona lembranças em o personagem recorda-se do que viveu, inclusive de Lindinalva. Na rua, a vida era pedir esmola e de vez em quando praticar pequenos furtos, mesmo quando não era um consenso do grupo.

Esmola pra sete ceguinhos...

Nenhuma resistia. Os moleques iam se aproximando cada vez mais, e perto do rosto elegante e pintado das mulheres ficava o rosto sujo e feio dos meninos. E era horroroso quando todos abriam a boca para o coro. O Gordo parecia um professor e não parava a cantilena. As bolsas se abriam e as esmolas caíam na mão que o Gordo retirava do peito. (AMADO, 1934)

A questão da desigualdade social esbarra na questão racial quando por vezes na narrativa é mostrado que diversas vezes meninos do grupo de pele clara tiveram oportunidade de morar na casa de pessoas abastadas, enquanto o tratamento de Baldo era diferente. Por um lado, a construção da imagem de um Brasil baiano, exportada para o exterior, resulta em um fascínio, onde exotismo e alegria misturam-se com a dura realidade das desigualdades sociais denunciadas. Por outro, causa uma certa rejeição por parte de quem vê a imagem do Brasil selada à Bahia e sua gente de pele negra. (DARVET, 2014)

### **Considerações Finais**

É essencial notarmos a importância da literatura para o entendimento de uma época, assim como jornais e documentos oficiais. Essas obras são nada mais que reflexos de sua época. Nela podemos visualizar a situação do povo negro pós-abolição, a luta pela liberdade e preconceito enfrentado diariamente. A palavra-chave da história de Baldo deveria ser “liberdade”. Pois quando não estava livre, arrumava um jeito de estar. É permeando sua história e adentrando suas personalidades que podemos ter noção da

totalidade da população que foi escravizada e da importância do reconhecimento da ancestralidade. A literatura reafirma, escorada no imaginário, o que é visto nos livros de história. Observamos que o fim da escravidão não acabou com os escravizados. A sociedade em si tem o poder de incluir e excluir de acordo com suas demandas, e entre esta movimentação estão as tensões entre a cultura dominante e a cultura marginalizada.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARVALHO, Leonardo Dellacqua De. O candomblé na obra "jubiabá" de Jorge Amado: o cotidiano dos adeptos e as estratégias e perseguições sofridas no início da década de 1930. *Acta*, Assis, v. 1, 2011.

DARVET, Florence. Religiosidade e negritude em Jubiabá: tensões interculturais. Unb, Brasília, 2014

GODOY, Clarissa De Souza O.. As imagens do negro pós abolição: um silêncio como questão histórica. Saberes e práticas científicas, Bahia, 2014.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz De; FILHO, Juvino Alves Dos Santos. O pós abolição na Bahia: memória à construção da vida livre. Scielo books, Bahia.

OLDSTEIN, Ilana Seltzer. O Brasil *best seller* de Jorge Amado: literatura e identidade nacional. Edição, SENAC São Paulo, 2003

PRANDI, Reginaldo. Religião e sincretismo em Jorge Amado. In: SCHWARCZ, L.M

ROSSI, L.G.F. As cores da revolução: A literatura de Jorge Amado nos anos 30. 2004. 166 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

SILVA, Maria De Fátima Cruz Da. Literatura e imagem: a representação do negro em Jubiabá de Jorge Amado. UEPB, Guarabira, 2011

SODRÉ, Muniz. O Terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

SOUSA, Eliel Alves De. Jubiabá: a contribuição da obra literária de Jorge Amado para a construção da identidade negra brasileira. Recife, Jaú.

SOUZA, Aracy Maria Nunes De. Uma leitura do candomblé como discurso social.

## POEMA

### Soneto da Boemia

Eram 17:30, a tarde caía  
O débil Hélio inaugurava o resplandecer da noturna  
Que ao se debruçar sobre a cidade soturna  
Abençoava os cidadãos com um novo noite-dia

Na viela iluminada pela fraca fria luz  
Agora ofuscada pelos numerosos bares  
É servida a ambrosíaca de lúpulo, seduz  
De forma irresistível aos sequiosos milhares

Na entropia da ebriez ao longe ouço o choro  
A viola debulhando-se em amarguras, surge o coro  
Que abraçando a languidez, principia a cantar

Como nem a fermentada poderia amorfinar  
A voz do povo entoava uma rima tão doída  
"Dim-dim donde nós passemos dias feliz de nossas vida"

Matheus Mota dos Santos da Silva  
Aluno da 4BINFO

